

EL-ALAMEIN

(NOTAS DE ESTUDO)

Ten-Cel Art (QEMA)

KLEBER FREDERICO DE OLIVEIRA

INTRODUÇÃO

O trabalho que se segue foi elaborado como subsídio para estudo dos oficiais brasileiros em serviço na Fôrça de Emergência das Nações Unidas.

O autor, servindo no Quartel-General da Fôrça como Subchefe da Sec Pessoal em 1965 e 1966, observou que anualmente o Btl Sueco organizava uma viagem de instrução a El-Alamein, como atividade de instrução. Ao sugerir que a mesma viagem fôsse realizada pelos brasileiros, surgiu o empecilho de que tôda a literatura disponível sôbre o assunto era em inglês — ou em sueco — sendo, além disto, constituída de grossos volumes.

Assim, o "trabalho preparatório" tornava-se muito difícil, ou talvez impossível.

A solução do problema consistiu em se preparar uma condensação — tradução abordando os aspectos de interêsse militar da batalha, bem como alguns diagramas que facilitassem o seu entendimento.

Lamentavelmente, a "viagem de instrução" nunca se concretizou.

O autor, porém, visitou pessoalmente El-Alamein em junho de 1966.

As informações sôbre o terreno, contidas no estudo, são absolutamente fiéis.

Convém notar, entretanto, que a área entre as duas posições encerra ainda cerca de 500.000 minas prontas para detonar, e só é possível percorrer o terreno em trilhas delimitadas e conhecidas pelos guias. É comum ver-se na região beduínos sem uma perna ou um braço: as minas de Montgomery e Rommel ainda fazem vítimas.

O ponto mais avançado atingido pelas tropas do Eixo está assinalado com um marco. À leste visita-se o enorme cemitério de guerra aliado, onde impressiona a multiplicidade dos povos que constituíam o velho Império Britânico: australianos, neo-zelandeses, indianos, canadenses, muçulmanos, hindus, cristãos, judeus, ingleses e escoceses. Franceses livres e até mesmo alguns escandinavos e poloneses lá estão. No centro do cemitério há uma sepultura vazia, que dizem estar reservada a Sir Bernard Montgomery.

Próximo ao cemitério existe um museu militar de armas, equipamentos, documentos da época, bandeiras, insígnias, uniformes, etc. No exterior, vêem-se carcassas de carros de combate e peças de artilharia de ambos os partidos.

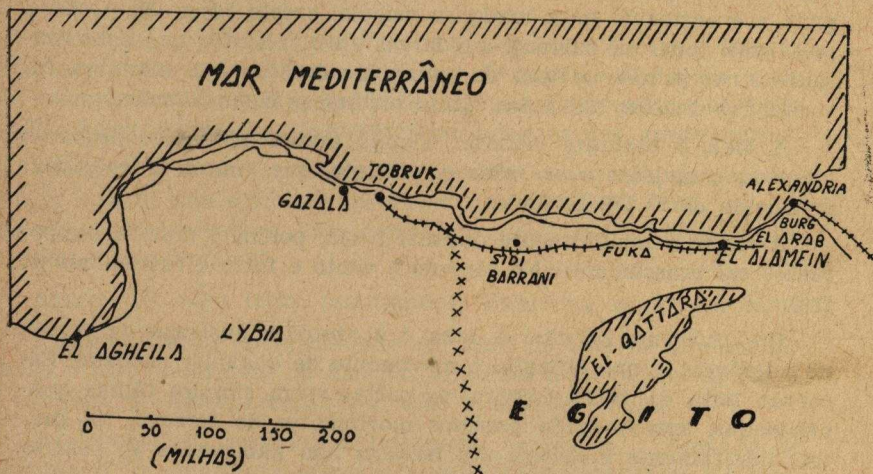
O cemitério italiano também possui um pequeno museu militar, e situa-se no interior da posição, exatamente na zona de ação de uma das divisões peninsulares. Enquanto os mortos aliados estão em tumbas isoladas, no cemitério italiano os corpos se acham em nichos no interior de um vasto mausoléu branco. Cada nicho é fechado por uma placa de mármore com um nome. Uma parede é dedicada aos desaparecidos.

O cemitério alemão, finalmente, situa-se numa pequena elevação próximo à rodovia costeira, onde o "Afrika Korps" montou sua derradeira ilha de resistência. Realmente, melhor local não se poderia encontrar! O cemitério tem valor simbólico, pois abriga apenas 5.000 corpos, que se acham em uma cripta subterrânea. Para quem se aproxima, o cemitério surge como uma enorme edificação quadrada, parecendo uma fortaleza medieval. O pátio interno é cercado por uma galeria onde em sarcófagos de bronze — um para cada província da Alemanha, com o respectivo brasão de armas — estão inscritos os nomes dos mortos. Junto à entrada, uma parede contém comovente oração ao descanso de trinta e dois mortos dos quais não foi possível sequer determinar a nacionalidade.

Próximo ao cemitério vêem-se nitidamente os vestígios de espaldões de armas automáticas. Entretanto, mal nos aproximamos, o guia acorre advertindo que somente 50 metros em torno do cemitério estão livres de minas. Mais um passo é proibido.

1. O TERRENO

O Deserto da Líbia estende-se a oeste do vale do Nilo e ao sul do Mediterrâneo e tem uma superfície de aproximadamente 5.000.000 km². Parte deste deserto é constituído das mais áridas áreas do mundo. Pequenos cursos de água existem na Cironaica, porém não possuem qualquer importância geográfica ou militar.



Carta nº1 - O DESERTO OCIDENTAL

Ao longo da costa do Mediterrâneo chove com certa frequência durante o inverno, alguns quilômetros para o interior apenas duas ou três vezes por ano, e na região central do deserto observa-se a ausência de chuva durante anos a fio. Entretanto, quando chove todo o deserto se transforma, em uma hora apenas em um lodaçal que impede totalmente o movimento de veículos sobre rodas.

A grande superfície desértica do sul é chamada pelos árabes de "Terra do Diabo" e pode ser considerada intransponível, exceto para camelos.

Na faixa mais ou menos próxima do mar, onde se desenrolaram as operações, existem algumas formações rochosas em decomposição à flor do solo, sob a forma de pedras soltas. A medida que se caminha para o interior tais formações começam a se cobrir de areia, tornando muito árdua a construção de trincheiras, espaldões, etc., dirigir um veículo torna-se, também, cada vez mais difícil.

As pequenas elevações existentes são formadas por estas formações rochosas, mais ou menos revestidas de areia. Algumas delas desempenharam papel preponderante nos combates.

De outra parte, existem depressões — chamadas pelos locais de “DEIR” — que podem ter os limites suavemente desgastados ou em corte abrupto, constituindo neste caso fortificações naturais de alto valor.

A mais extensa destas depressões é a de Qattara, medindo milhares de km². e cujo “assoalho” se acha 130 metros abaixo do nível do mar. Apresenta em muitos trechos uma espécie de lama salgada e é obstáculo para qualquer veículo, exceto jeeps. Representa, pois, uma poderosa barreira aos largos envoltimentos que constituíram — nas primeiras fases da guerra no deserto — a manobra favorita das divisões blindadas, tanto britânicas como alemães.

A vida é bastante escassa: alguns árabes nômades, pequenos lagartos, camaleões e os ratos do deserto, que vieram a constituir a insígnia de 7ª DB britânica.

A região é muito quente durante o dia, porém a noite a temperatura cai bruscamente. No inverno o vento é forte e extremamente frio.

Um problema peculiar a área é a absoluta ausência de pontos de referência, o que dificulta o movimento de qualquer unidade. Exceção feita da faixa costeira, as cartas eram simples folhas quadriculadas, apresentando escassos movimentos do terreno, na prática inteiramente invisíveis aos homens não habituados ao deserto.

A localização de posições e objetivos era, assim, bastante problemática, especialmente se considerarmos que a maioria dos movimentos, ataques, etc., se executaram à noite.

Para remediar tal situação, toda sorte de meios artificiais era empregada: as áreas ocupadas pontilharam-se de marcos trigonométricos; as estradas de suprimentos, balizadas com tambores vazios; e quase todos os veículos eram equipados com bússolas.

A água, obviamente, era sempre racionada. A ração normal variava de um a um e meio galão por homem por dia, que devia bastar para beber, para a higiene individual e a lavagem de roupas, cozinha e veículos. Usualmente a mesma água servia para alguns destes fins, sucessivamente.

2. ANTECEDENTES

A guerra iniciou-se no deserto no outono de 1940.

A Inglaterra mantinha nessa época pequenas forças no Egito, na Palestina e no Iraque e em outras partes do Médio Oriente. No Egito existiam cerca de 36.000 homens.

Ao iniciar-se o colapso da França, a Itália entrara na guerra e em setembro de 1940 o Marechal Graziani atravessou a fronteira, atingindo em pouco tempo Sidi Barrani.

Entretanto, nos primeiros dias de dezembro as forças britânicas após um audacioso movimento de flanco atacaram as posições italianas, obtendo uma incrível e inesperada vitória.

Seguiu-se a retirada de Graziani, e dois meses depois as vanguardas britânicas se achavam em Agheila.

Destarte, a total destruição das forças italianas parecia iminente e inevitável.

Entretanto, a Grécia era invadida pelos alemães, que acorreram em auxílio dos italianos. Para que se pudesse efetuar o apoio dos exércitos britânicos lá empenhados, foi decidido sustar a ofensiva na Cirenaica, apesar das brilhantes perspectivas que apresentaram.

Justamente nessa ocasião Hitler decidiu enviar tropas alemães para a África, com o fim de fortalecer a situação da Itália, que se desenhava desesperadora. Para comandar essa força, foi designado o General Erwin Rommel.

Assim, um novo fator, inteiramente diferente, surgiu em cena.

Rommel atacou enérgicamente em abril de 1941 as divisões inglesas e beneficiando-se de diversas circunstâncias repeliu-as até a a fronteira do Egito, recuperando todo o terreno perdido.

Em novembro, contudo, os britânicos, agora sob o comando de Auchinleck, retomaram a ofensiva e empurraram as forças do Eixo, até El-Agheila, de onde haviam partido. Tobruk, que estivera sitiada, foi libertada.

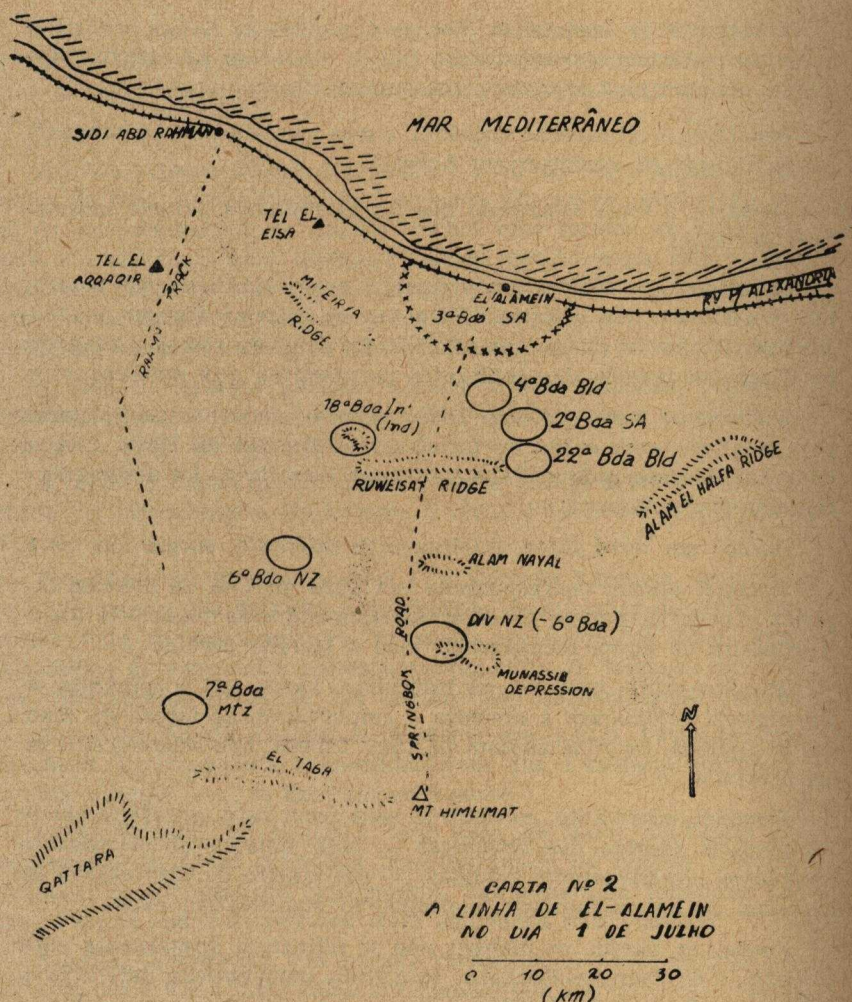
Rommel, entretanto, concentrou seus recursos e, aproveitando-se da precária posição dos britânicos — cujo sistema de suprimento achava-se excessivamente alongado — em janeiro de 1942 atacou de surpresa as linhas inimigas, conseguindo significativo êxito.

Desta vez, porém, os ingleses não se retiraram diretamente para o Egito: o 8º Exército Britânico constituiu uma posição defensiva a meio caminho, em El-Gazala.

Desta linha foi assaltada a 26 de maio pelos alemães e depois de uma prolongada batalha os ingleses se viram forçados a retirar-se mais uma vez.

Finalmente, a 1 de julho se estabeleceram na última posição defensiva antes do Nilo, apenas a 90 km de Alexandria: do nome de uma pequena estação ferroviária — El-Alamein — surgiu o nome da posição.

O Egito parecia aos pés do inimigo, e todo o Médio Oriente em grave perigo: a Armada evacuou Alexandria e no Cairo tomava-se as primeiras providências para o movimento do Grande Quartel-General.



Entretanto, a posição de El-Alamein se sustentou e os alemães, agora prejudicados pela extensão de suas linhas de suprimento, não conseguiram romper as defesas britânicas.

3. AS FORÇAS EM PRESENÇA

Para a melhor compreensão dos episódios da batalha, é conveniente um breve exame dos exércitos que se defrontavam, no que se refere a organização material, etc.

a) As forças aliadas

A formação básica, a Divisão, possuía um efetivo teórico de 17.000 homens se de Infantaria, ou 13.500 se Blindada. Tais efetivos nunca se achavam completos.

A Divisão de Infantaria compreendia três Brigadas; cada Brigada, três Batalhões. O "valor de ataque" do Batalhão fundava-se em quatro Companhias de Fuzileiros, apoiadas por Pelotões de canhões anticarro, morteiros leves e metralhadoras montados em veículos de meia-lagarta.

Os processos de combate em uso, bem como os efetivos presentes, permitiam ao Batalhão empregar no máximo 450 baionetas em um ataque, sendo metade na primeira vaga de assalto. Conseqüentemente, após dois assaltos, o Batalhão se achava esgotado e incapaz de uma terceira ação.

As Divisões possuíam também um Batalhão de Metralhadoras Pesadas, com 48 armas.

Para o apoio de fogo, as Divisões contavam organicamente com 3 regimentos de artilharia de campanha (totalizando 72 peças de 25 libras — cerca de 75 mm), um Regimento de Artilharia Anticarro e um Regimento de Artilharia Antiaérea Leve. Toda a tropa dessa arma era subordinada a um comandante (usualmente um Brigadeiro) que possuía recursos para concentrar o fogo de todas as baterias em um único alvo.

A Engenharia da Divisão consistia em 3 Companhias de Engenharia de Combate e 1 Companhia de Parque: sua principal atribuição era o lançamento de minas e a abertura de passagens nos campos construídos pelo inimigo.

O apoio administrativo e de serviço era provido por elementos de ambulâncias, uma unidade de comunicações, companhias de Suprimento e transporte do Corpo de Serviços, elementos de manutenção auto e de polícia militar.

O Quartel-General da Divisão era muito reduzido: alguns poucos oficiais de estado-maior sob a direção de dois tenentes-coronéis, um deles dirigindo a parte de operações e informações, e o outro setor de administração e logística.

A Divisão Blindada diferia da Divisão de Infantaria no fato de que consistia em uma Brigada Blindada e uma Brigada de Infantaria Motorizada. A primeira contava com três regimentos blindados e um batalhão de infantaria motorizada, transportado em tratores semi-blindados de meia-lagarta, armados com metralhadoras.

Cada Regimento Blindado tinha, como dotação, 52 carros de combate.

Até El-Alamein, quando chegaram os primeiros Sherman da América, os carros aliados se mostraram interiormente inferiores aos alemães.

O "cruzado" era mecânicamente deficiente, o "Matilde" muito vagaroso e o carro leve americano "Stuart" apto apenas a missões de reconhecimento.

Assim, os tanques aliados precisavam aproximar-se a 600 metros do alvo, para um tiro eficiente — ao passo que os carros alemães a 2.000 metros executavam disparos precisos e capazes de destruir ou imobilizar um carro inimigo.

Somente o tanque Grant americano (recebido um pouco antes da batalha de El-Gazala) podia competir em termos de calibre com os carros germânicos; porém como possuía o canhão de 75 mm montado lateralmente, seu campo de tiro era muito reduzido, enquanto os carros alemães atiravam em qualquer direção.

A Brigada de Infantaria Motorizada era transportada em veículos meia-lagarta (como na 1ª DB) ou em simples caminhões (como na 7ª e 10ª DB).

A DB tinha também um Regimento de Reconhecimento mecanizado, apto ao reconhecimento, perseguição em exploração do êxito e cobertura de retraimentos; usualmente não tomava parte na batalha propriamente dita.

Note-se porém que tais organizações não eram uniformes em todo o 8º Ex. Por exemplo, a 50ª DI (neozelandesa) tinha apenas 2 Brigadas devido as baixas sofridas antes de El-Alamein; as 7ª e 10ª DB tinham cada uma 2 Brigadas Blindadas, e a 7ª DB 3 Regimentos de Reconhecimento. A maioria das Divisões possuía mais artilharia do que a dotação usual.

Acima das Divisões (comandadas por Majores-Generais) vinha o Corpo de Exército, comandado por um Tenente-General. O Corpo não possuía organização fixa, sendo constituído em decorrência da situação tática com algumas divisões e tropas de Corpo. Em El-Alamein existiam três CEx: o 10º, o 13º e o 30. Um importante componente dos CEx era sua artilharia, com Regimentos de material de médio calibre que possuíam apreciável alcance. A artilharia de Corpo também dispunha de recursos para emassar todo o seu fogo em um determinado alvo.

De maneira semelhante, o Chefe da Engenharia de Corpo e o Chefe de Transportes tinha autoridade e meios para concentrar suas unidades, em qualquer missão específica.

O Exército, finalmente, comandava a ação dos CEx e dispunha de unidades próprias, altamente especializadas, como um Regimento de Artilharia Antiaérea Pesada e uma Companhia de Engenharia de Camuflagem.

b) As forças do Eixo

A qualidade da tropa italiana, bastante deficiente em 1940, melhorou progressivamente até El-Alamein. Sua artilharia, principalmente, mostrava bastante eficiência.

A Divisão Pára-quedista Folgore podia ser comparada à média das divisões alemães. A tropa "Bersaglieri" e a Divisão Trento também se portava, bem na batalha.

Das duas DB italianas — Ariete e Litorio — a primeira era a melhor. O material blindado que possuíam tinha características muito inferiores e não se comparava nem mesmo ao das DB britânicas.

Existiam em El-Alamein 3 CEx italianos: o 10º, o 20º e o 21º. Estes CEx compreendiam ao todo oito livisões, em geral mal equipadas e com efetivos desgastados.

O núcleo do poderio do Eixo firmava-se no elemento germânico — o Exército Panzer. O DAK (Deutsche Afrika Korps), seu principal componente, tinha duas DB — as 15ª e 21ª Divisões Panzer (D Pz) equipadas com carros Mark IV, ambos magníficos instrumentos de combate.

Como infantaria, o Ex Panzer (que abreviaremos como Ex Pz) possuía a famosa 90ª Divisão Ligeira, constituída de tropa motorizada denominada usualmente como Panzer-Grenadiers (Pz-Gr). Pouco antes de El-Alamein, o Ex Pz foi reforçado pela 164ª Divisão Ligeira (Pz-Gr) e pela Brigada Pára-quedista Ranok formada por tropa de infantaria de Luftwaffe.

Tôda a infantaria germânica era armada com a submetralhadora Spandau, uma arma particularmente eficiente e de elevada cadência de tiro.

As divisões acima mencionadas em regra se achavam com efetivos muito abaixo dos prescritos, sendo os recompletamentos dificultados pela aviação e marinha britânicas.

Contudo, além dos carros de combate, os alemães possuíam outras armas igualmente poderosas, como os canhões autopropulsados — leves, médios e anticarro.

Entretanto, no emprêgo tático da artilharia tanto italianos como alemães sempre estiveram abaixo dos britânicos, tanto no que se refere à rapidez de abertura do fogo como na capacidade de concentração de várias baterias sobre dado objetivo.

O canhão mais temido pelos ingleses era o 88 mm, guarnecido pelas Baterias Antiaéreas da Luftwaffe. Originalmente concebido como peça anti-aéreas, o 88 se revelou também uma devastadora arma anticarro especialmente quando equipado com trator meia-lagarta, que permitia uma entrada em posição muito rápida. Seu pro-

jetil, mais rápido que o som, podia destruir um carro a 3.000 metros e o seu arrebetamento no ar, regulado para alguns pés acima do solo, era tremendamente mortífero.

O canhão de 76,2 mm (capturado dos russos) e o canhão auto-propulsado tcheco eram também muito bons, embora não atingissem os padrões do 88 mm.

Inexplicavelmente, os britânicos nunca empregaram seu canhão antiaéreo de 3.7 polegadas como arma anticarro.

As Divisões alemães possuíam como arma anticarro orgânica uma peça de 50 mm, bastante superior ao seu congênere britânico.

4. A LINHA DE EL-ALAMEIN

Muito antes da guerra esta linha já havia sido reconhecida pelo Comando Britânico no Egito como uma valiosa posição para a defesa face a Líbia.

Sua característica essencial é que ela representava a mais curta distância (65 km) entre duas barreiras — ao norte o mar e o sul a depressão de Qattara. Assim, a defesa não tinha flancos e as típicas manobras de envolvimento ficavam impossibilitadas.

A posição consistia em diversas “ilhas” fortemente guarnecidas; os espaços entre elas deveriam ser vigiados por formações móveis, ou cobertos pelo fogo.

Ao norte ficou a 1ª Divisão Sul-Africana, a cavaleiro da única rodovia-ferrovia que corria ao longo da costa.

Da estação de El-Alamein segue para o sul uma trilha rudimentar, conhecida como “Springbok Road”.

Da orla oeste da “ilha” de El-Alamein, vê-se os mais importantes movimentos do terreno. Tal importância é puramente local e discernível apenas aos táticos da guerra no deserto: na linha do horizonte aparece a “Miteiriya Ridge” orientada para noroeste. A 3 km da sua ponta noroeste surge uma pequena elevação que na carta tem a forma de um rim, do que decorreu o seu nome — “kidney ridge”. Prosseguindo para oeste, vê-se uma linha de postes cruzando o deserto na direção sul-norte, que os ingleses chamavam Rahman track e os ítalo-alemães de Ariete Track. Na extremidade norte desta linha surge o minarete branco da mesquita de Sidi Ab El Rahman, onde esteve algum tempo o P de Rommel e suas instalações de manutenção.

A área entre Springbok Road e Rahman Track constituirá o terreno da batalha.

Partindo agora da ilha de El-Alamein para o sul, chega-se à depressão de Deir-El-Shein — a segunda “ilha” de defesa, ocupada

pela 18ª Brigada de Infantaria Indiana, recentemente chegada do Iraque.

Bem próximo aparece uma elevação transversal, 60 metros acima do nível do mar — a “Ruweisat Bridge”, onde se desenrolaram sangrentos combates na fase preliminar da batalha, quando as forças aliadas detiveram a progressão das tropas do Eixo.

Para o sul o terreno cai suavemente até erguer-se novamente em Alam Nayil, que representará mais um dos núcleos da defesa britânica.

A partir daí o terreno torna-se cada vez mais difícil, com depressões erodidas e areia muito fina, que dificulta o movimento de veículos.

A maior destas depressões tem o nome de Munassib, alongando-se cerca de 6 km. Suas bordas são abruptas e o interior pedregoso. A maior parte da Divisão Neozelandesa, depois de uma árdua retirada, ocupou essa região.

Finalmente, surge a depressão de Qattara em cuja borda norte existe a mais significativa elevação da área: o monte El Himeimat, que se levanta bruscamente a 230 m de altura, com o formato de um cone regular. Do seu topo domina-se todo o terreno em torno, até muitas milhas de distância.

Foi contra esta linha que Rommel lançou-se nos primeiros dias de julho de 1942.

Depois de terríveis combates ao Sul da ferrovia e em torno de Miteiriya Ridge, os ítalo-alemães desistiram de romper a linha. No fim de julho ambos os partidos se achavam exaustos.

5. PERÍODO ENTRE JULHO E OUTUBRO DE 1942

Em agosto Churchill realizou sua histórica visita ao Egito, da qual resultou a mudança na estrutura do comando britânico no Médio Oriente.

Para o comando em chefe no Médio Oriente foi designado o General Sir Harold Alexander de perto — o Gen Bernard L. Montgomery.

Montgomery, recém-chegado da Inglaterra, não apresentava qualquer característica física marcante.

Estritamente severo em seus hábitos pessoais — não bebia nem fumava e muito frugal nas refeições — insistia constantemente na importância do treinamento físico.

Um dos seus grandes problemas foi combater o “complexo de Rommel” que dominava grande parte do exército britânico. Numa campanha que se desenrolava num terreno aberto, sem ódios entre

os beligerantes, Rommel era considerado como um espécie de “capitão do team” adversário — como um homem decente e bravo, que corria freqüentemente os perigos da linha de frente, e que muitas vezes visitava os soldados ingleses nos hospitais de campanha alemães. É fato incontestado que o único general cujo nome era familiar a todos os soldados aliados era Rommel — ainda que muitos ignorassem o nome do seu comandante de Divisão.

A Diretriz baixada por Alexander ao 8º Ex em 19 de agosto expressava: “Preparar para atacar as forças do Eixo com o fim de destruí-las, no mais curto prazo possível.”

Montgomery estimou que antes do fim de outubro seria impossível o cumprimento de tal diretriz.

Na noite de 30-31 agosto as tropas do Eixo atacaram na região de Alam Halfa, procurando romper o centro da defesa. Contudo, apesar de empregarem novos carros Mark IV — Special, foram repellidos com numerosas perdas em pessoal e equipamento.

O intervalo entre agosto e outubro foi dedicado a reorganização das forças britânicas e ao treinamento de novos processos de combate. Com efeito, a natureza peculiar da região, tanto do lado do Eixo como dos Aliados permitia prever que a ruptura de qualquer das posições só poderia ser obtida através de um poderoso ataque frontal, fortemente apoiado por artilharia, e onde o terreno seria conquistado palmo a palmo, a custa de enorme sacrifício. Em outras palavras, em uma batalha semelhante às da frente ocidental na 1ª Guerra Mundial.

Neste tipo de combate o 8º Ex tinha pouca ou nenhuma experiência, habituado como estava as operações fluídas nos imensos espaços do deserto, onde preponderava a manobra pelo flanco.

As principais técnicas a serem treinadas visariam:

- ataques noturnos contra posições estabilizadas;
- abertura de brechas em campos minados;
- ataques de infantaria cerrados a retaguarda de barragens rolantes de artilharia;
- rápida consolidação de posições, para repelir os presumíveis contra-ataques adversários;
- passagens de elementos blindados através das áreas conquistadas pela infantaria.

O tempo disponível era muito curto e exigiu dos estados-maiores e dos quadros intenso esforço.

Divisões inteiras foram retiradas da linha para praticar os novos exercícios de combate, em trechos de terreno tão semelhantes quanto possível as suas futuras zonas de ação.

A Divisão Escocesa, por exemplo, ensaiou o seu ataque cinco vezes.

Campos de minas reais foram lançados para treinamento dos engenheiros e sapadores.

Inúmeras barragens de artilharia foram disparadas, em coordenação com os exercícios de infantaria.

Até El-Alamein, as barragens de artilharia haviam sido consideradas como "ultrapassadas" e substituídas pelas "concentrações", mais adequadas as batalhas de movimento. A maioria dos oficiais de artilharia não faziam os meticulosos cálculos de tiro exigidos pelo desencadeamento de uma barragem desde o tempo de cadetes.

Os ensaios de ataques noturnos mostraram uma dificuldade peculiar — a orientação da progressão em um terreno sem referências e coberto de minas, arame farpado e armadilha.

O método foi designar oficiais especialmente encarregados de guiar as frações ao assalto, com bússolas à mão e contando os passos em cada, direção determinada, segundo os esquemas das brechas a serem abertas.

Montgomery procurou reavivar o "espírito do corpo" nas divisões. Anteriormente, em consequência da fluidez das operações, as unidades se viam misturadas, e pouco restava da organização real das Divisões. Eram uma ordem baixada a 29 de setembro aos corpos foi fixada a organização para a batalha de cada divisão, com suas brigadas, regimentos de artilharia, órgãos de serviço, etc. "Tais unidades" determinou ele "pertencerão definitivamente à divisões e usarão obrigatoriamente as insígnias da divisão nos uniformes e veículos."

Nesta reorganização, um dos pontos capitais foi a formação de um Corpo interinamente blindado — o 10º-CEX — sob o comando do General H. Lumsden.

Talvez a parte mais delicada dos preparativos para a batalha tenha sido o treinamento para a abertura de brechas nos campos minados.

Efetivamente, o sistema defensivo de Rommel construído durante vários meses, baseava-se na conjugação de campos minados, arame farpado e canhões anticarro/metralhadoras em apoio recíproco. Os campos minados cobriam toda a frente, com uma profundidade de 6 a 8 km.

A comprida mina italiana era relativamente fácil de se localizar; as minas francesas, pintadas de verde, exigiam considerável pressão para explodir. A mina egípcia (feita por fábricas egípcias sob contrato britânico, e capturadas pelo inimigo) era muito peri-

gosa e de difícil localização; porém, as mais temidas eram as minas tipo "prato" alemães, pela sua extrema sensibilidade a alto poder explosivo.

Os italianos semeavam suas minas segundo um padrão geométrico — uma em cada 5 metros em cada direção — que logo os britânicos descobriram. Entretanto, alemães e ingleses lançavam seus campos irregularmente.

Os preparativos no setor administrativo e logístico não eram menores.

Nada menos de 36 Companhias de Transporte Auto, juntamente com 6 Companhias de Transporte de Carros de Combate atuaram ininterruptamente, a partir dos terminais ferroviários de Burg-El-Arab e Amiriya.

Três novos pontos de suprimento de água foram abertos perto de El-Alamein. Estes e os pontos já existentes eram abastecidos por 9 Companhias de Transporte de água e uma tubulação especialmente construída.

Dez dias antes da batalha achavam-se estocados próximo à linha de frente cinco dias de rações, munição para armas portáteis e suprimento diversos.

Cêrca de 300.000 tiros de artilharia estavam à disposição das baterias do 8º Ex. A maior parte se encontrava enterrada na areia, junto a posições de bateria que só seriam ocupadas na véspera da batalha. Em depósitos próximos havia ainda muito mais munição de artilharia. É oportuno mencionar que o sistema de suprimento permitiu aos artilheiros do 8º Ex disparar durante os 12 dias de El-Alamein nada menos de um milhão de tiros — o que representou 102 tiros por dia para cada peça leve, e 157 para cada peça média.

6. O PLANO DE ATAQUE

Em meados de outubro, Montgomery tinha superioridade de 2 para 1 em carros e infantaria, sua artilharia atingira um alto nível de instrução e possuía enormes estoques de munição. Por outro lado, a Real Força Aérea poderia assegurar a superioridade no ar durante a luta. As armas mais poderosas do inimigo seriam meio milhão de minas e os terríveis canhões anticarro, que manejava com extrema perícia e coragem.

Dois pontos essenciais preocupavam o Cmt do 8º Ex: o tipo do ataque a empregar e onde aplicar o esforço principal.

Sua primeira intenção (expressa aos Comandantes do CEx e Div a 15 de setembro) foi atacar em duas direções paralelas, com es-

fôrço ao norte (30° CEx). Após rompida a linha, o 10° CEx Bld deveria lançar-se para oeste e ocupar um terreno favorável, a cavaleiro de linha de suprimento do Eixo, e lá aguardar o contra-ataque germânico. Destarte, o combate de carros se daria em terreno escolhido pelo 10° CEx e deveria resultar na destruição do elemento blindado inimigo. Finalmente, em uma última fase, a infantaria do Eixo seria cercada e destruída na posição que ocupava. O ataque secundário se efetuariaria ao sul, pelo 13° CEx, com o propósito de impedir que a 21ª Div Pz e a Div Ariete acorressem à parte norte da frente.

Entretanto, à medida que as semanas se passavam Montgomery evoluía ligeiramente o seu plano, alterando a ordem das ações. Decidiu, a 6 de outubro que a destruição da infantaria do Eixo deveria ser feita, se possível, antes da luta decisiva contra os blindados. Assim, dentro do esquema já anunciado, o 10° CEx Bld deveria ultrapassar o 30° CEx e formar uma frente defensiva, colocando-se de modo a esperar os carros inimigos que certamente viriam em auxílio dos infantes. Entrementes, prosseguiria a redução dos núcleos defensivos da infantaria do Eixo. Como antes, haveriam ações paralelas ao sul e ao norte, com esforço na última pelo 30° CEx.

O objetivos atribuído ao 30° CEx foi uma linha compreendendo a extremidade oeste de Miteiriya Ridge, abarcando algumas pequenas elevações e a já mencionada "Kidney Ridge" — e que recebeu o nome-código de "Linha Oxalic". Convém notar que estas elevações se achavam antes da 3ª linha da defesa inimiga começada a preparar poucas semanas antes da batalha a partir da Mesquita de Rahman.

As missões dadas aos CEx foram as seguintes:

30° CEx:

Conquistar uma cabeça de ponte (Oxalic) além da defesa inimiga antes da alvorada e apoiar a ultrapassagem do 10° CEx Bld.

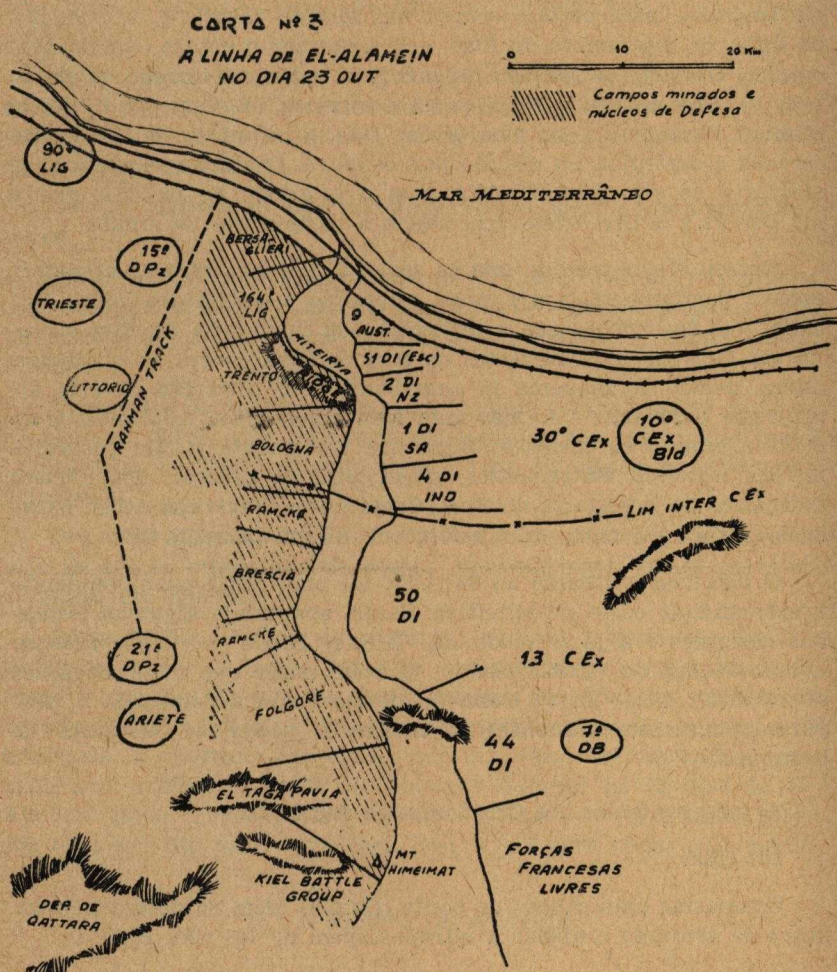
10° CEx Bld:

Beneficiando-se da linha atingida Oxalic, ultrapassa a defesa inimiga e conduzir um combate do blindados em terreno de sua escolha; se não houver tal oportunidade, impedir que os carros inimigos interfiram na operação ofensiva do 30° CEx.

13° CEx:

Penetrar na defesa inimiga ao sul de Munassib a fim de permitir a ultrapassagem da 7ª DB. Se necessário, acolher esta DB quando fortemente pressionada, conquistar o monte de El-Himeimat.

A data escolhida foi 23 de outubro, e a hora 22,00.



Os efetivos e armas que se defrontavam na véspera da batalha eram:

	Aliados	Eixo
Infantaria	220.476	108.000 (54.000 alemães)
Canhões, leves e médios..	892	548 (249 alemães)
Canhões anticarro	1.451	1.063
Minas AP e AC	—	460.000
Aeronaves	530	350

7. O DIA D

Na noite de 22/23 de outubro a tropa do 1º escalão de ataque ocupou sua posição em trincheiras rasas previamente escavadas, nas orlas leste dos campos de minas dos aliados.

Todo o dia seguinte lá permaneceu imobilizada, sofrendo sob o sol intenso e atormentada por nuvens de moscas. O grande desconforto físico somava-se à sensação de tensão.

Finalmente caiu a noite, e então os homens puderam mexer-se um pouco. Serviu-se uma refeição quente e se processaram as últimas verificações de equipamento, munição, cantis, etc. Cada homem recebeu uma ração fria, com carne em conserva e biscoitos.

As 10.00 toda artilharia aliada rompeu fogo "como uma única bateria". Os primeiros 15 minutos da preparação foram devotados à contrabateria. Em seguida, o plano de fogo em cada zona de ação divisionária passou a diferir, segundo a manobra de cada Divisão.

48 bombardeiros Wellington despejaram 125 toneladas de bombas sobre as posições de bateria adversárias.

A infantaria e os engenheiros procuraram cerrar sobre a barragem o mais perto possível. Quando a barragem cessava de progredir, ficava subentendido que um objetivo intermediário fôra atingido. Como confirmação, a artilharia executava alguns tiros fumígenos à frente da região atingida.

Para facilitar a identificação de limites entre as Brigadas e Divisões, é curioso mencionar que se recorreu aos canhões Bofors das Baterias Antiaéreas Leves, que atirando projetos traçantes coloridos balizaram tais limites claramente apesar da poeira e da fumaça.

A reação do inimigo, atordoado pela violência do bombardeio, foi mais lenta do que usualmente. A contrabateria da preparação foi, em especial, muito precisa: durante longo tempo a infantaria aliada progrediu sem sofrer fogos, os impactos se deram não na vanguarda do ataque, mas sobre o pessoal que marchava a retaguarda. Somente por volta das 23.00 o fogo da artilharia inimiga tornou-se sério.

Entretanto, nesta primeira hora os morteiros inimigos produziram baixas sem conta.

De modo geral, depois de percorrida a metade do caminho até Oxalio, a resistência inimiga se firmou.

Ao sul a batalha desenrolou-se de maneira semelhante.

O ataque das Divisões britânicas se orientava sobre uma área cinco km ao norte de Monte Himeimat, e o das Forças Francesas Livres (no extremo sul) sobre o monte propriamente dito.

Nesta parte da frente a infantaria aliada, desde o desencadeamento do ataque recebeu severos bombardeios da artilharia do Eixo, e as metralhadoras, e morteiros também produziram muitas baixas. A areia da região, muito fria e macia, prejudicou sensivelmente dos atacantes.

Um contra-ataque alemão local na região do monte recuperou na 2ª parte da noite quase todo o terreno conquistado pelos franceses.

Entretanto, ao alvorecer a situação já melhorara e podia-se dizer que o 13º CEx se achava a meio caminho do objetivo que lhe fôra atribuído. A resistência das tropas do Eixo, porém, a cada momento ficava mais forte.

8. DIA D+1 (24 Out E NOITE 24/25)

Ao amanhecer de 24 Montogmery, Lesse (Cmt de 30º CEx) e Lumsden (Cmt do 10º CEx Bld) percorreram a frente para um exame pessoal da situação.

Nas encostas rochosas da Miteiriya Ridge, onde se reunira a maior parte de duas Brigadas Blindadas, e uma terceira se aproximava, o congestionamento de veículos era impressionante. Aparentemente, qualquer granada que caísse na área representaria um impacto num veículo. O pó levantado era tão denso que não se viam os aviões que cruzavam o espaço.

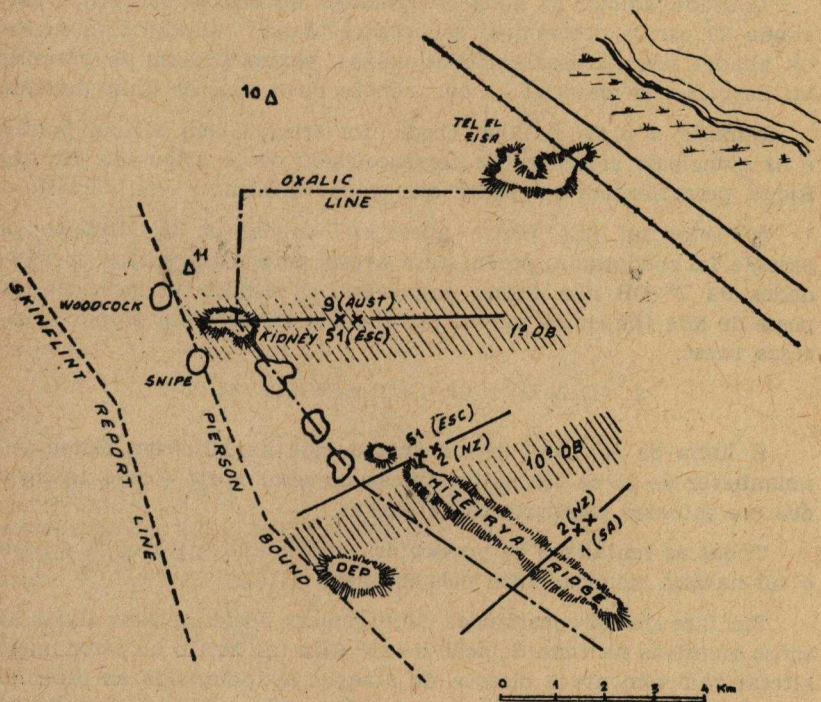
Na linha de frente os soldados exaustos aguardavam o contra-ataque adversário.

O inimigo agora reagia enérgicamente a qualquer tentativa de retomada da progressão, contudo, a atmosfera nos quartéis-generais do Eixo não era otimista. O General Stumme, que se encontrava no comando (Rommel se achava em tratamento de saúde na Alemanha, desde 23 de setembro) havia ocorrido à frente na madrugada de 24 e lá morrera, provavelmente de um colapso cardíaco ao abandonar seu veículo, quando este se viu no meio de uma concentração de artilharia.

O comando do Ex Panzer passara às mãos do General Ritter von Thoma, até então o Cmt do Corpo Blindado (DAK).

A principal decisão tomada a D+1 foi de que, enquanto a infantaria prosseguiria pressionando o inimigo, o 10º CEx Bld ultimaria a ruptura por seus próprios meios e trataria de atingir a "Linha de Contrôlo Pierson" situada mais ou menos a 2 km depois da Oxalic. Tal missão deveria ser cumprida "ainda que implicasse em severas perdas de carros." A finalidade de tal ação era colocar os blindados aliados em campo aberto, à retaguarda das primeiras defesas do Eixo. em condições de barrar o contra-ataque de apoio à infantaria,

o mais cedo possível. Como se estimava que a resistência tenderia a aumentar, quanto antes se tentasse a ruptura, maiores seriam as probabilidades de êxito.



CARTA Nº 4 - PLANO DE ATAQUE NA ZAF DO 30º CEX

- O 10º CEx Bld deveria atingir em primeira urgência a linha de controle PIERSON. Se não encontrasse oposição séria prosseguiria até SKINFLINT onde aguardaria o contra-ataque inimigo.

A 1ª DB liderou o ataque à tarde e por volta de 4 horas os 3 regimentos de sua 2ª Bda Bld se achavam à frente da Kidney Ridge.

Os primeiros carros que galgaram a posição perceberam sinais de grande atividade atrás das linhas inimigas: os blindados de von Thoma se reuniam para contra-atacar na sua hora favorita — no fim da tarde, para que o clarão do sol no horizonte cegasse as armas inimigas.

Efetivamente, meia hora depois iniciou-se o primeiro combate de carros, lançado pelos alemães como que automaticamente e sem um cuidadoso exame da situação. Nêle se empenharam a 15ª D Pz e a

Dívs Bld Littorio. Centenas de carros, de parte a parte, se engajaram violentamente. Parte do contra-ataque incidiu sobre as Divisões Australiana e Escocesa, que aí sofreram muitas perdas.

Contudo, ao cair da noite os blindados do Eixo se retiraram, deixando 26 carros destruídos: seu contra-ataque falhara totalmente. Os aliados não perderam menos carros, porém podiam se permitir tal desgaste de material — que não se dava com os italo-alemães.

Durante a noite a linha Oxalic foi atingida em alguns pontos e os principais acidentes de terreno, inclusive a disputada Kidney Ridge, permaneciam em poder das tropas aliadas.

No setor sul, não houve apreciável mudança de situação. A pressão foi sustentada, porém para evitar perdas em carros os blindados da 7ª DB não foram engajados. O inimigo permaneceu de posse de Mte Himeimat, apesar dos tenazes esforços das tropas francesas livres.

9. DIA D+2 (25 OUT e NOITE 25/26)

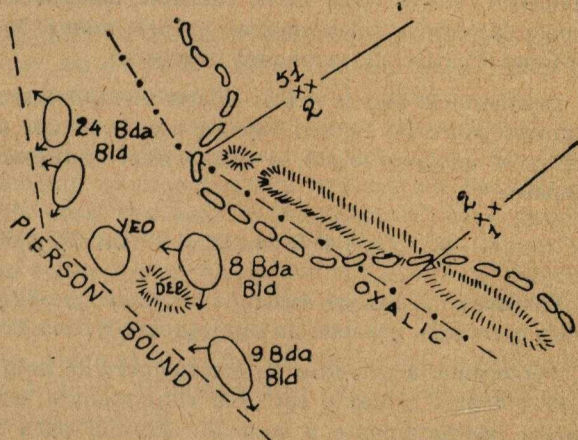
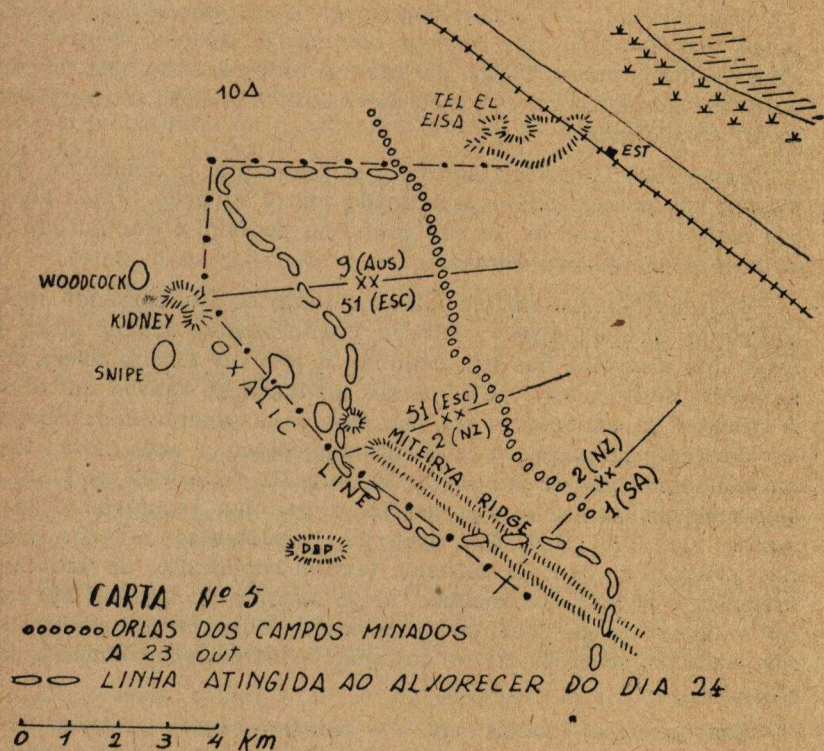
A linha de contacto permanecia a oeste de Miteiriya Ridge. Ao amanhecer de 25 as tropas britânicas no setor norte foram fustigadas por intensos bombardeios de Stukas.

Tôdas as tentativas de prosseguir o movimento para oeste e para o sul haviam sido barradas pelo inimigo.

Em face das circunstâncias, Montgomery decidiu sustar tôdas as ações ofensivas na zona de ação do 13º CEx (ao sul) e no setor norte alterar radicalmente a direção de ataque: abandonando as direções anteriores — oeste e sudoeste — decidiu utilizar o ombro norte da penetração (onde os australianos até então cobriam o flanco de operação) e lançar uma ofensiva em direção ao mar, ameaçando o isolamento das 164ª Divisão Ligeira e Bersaglieri. Ao mesmo tempo, este ataque o levaria à única rodovia/ferrovia da área.

A mudança da direção de esforço se faria durante a noite de 25/26.

O dia 25 foi assinalado por diversos combates locais de blindados. Certa ocasião a 2ª Brigada Bld tentou dominar as defesas inimigas ao sul de Kidney Ridge porém em cinco minutos os canhões 88 enterrados destruíram 6 carros Sherman, obrigando a Brigada a retirar. Até que se localizassem as peças alemãs a progressão era impossível — mas isso era extremamente difícil. Apenas uma tênue nuvem de poeira indicava a região de onde partiam os disparos. Na 2ª parte da jornada os alemães contra-atacaram com carros porém foram repelidos deixando 18 veículos no terreno. As perdas britânicas também foram sensíveis. Somente neste dia a 1ª DB perdeu 24 carros Sherman.



CARTA Nº 6
OPERAÇÕES DA 10ª DB 24/25 OUTUBRO

0 1 2 km

À meia noite a Div Australiana lançou o seu ataque para o norte, tendo como objetivo uma pequena elevação de apenas 10 metros de altura, mais ou menos a 2 km da linha de contacto. Esta cota foi conquistada em algumas horas, e ao amanhecer a posição estava plenamente consolidada.

Nesta tarde Rommel regressou e reassumiu o comando. Von Thoma não parecia muito preocupado com a situação — que analisou mais em termos de terreno ganho ou perdido, o que no deserto realmente pouco representava.

Contudo Rommel em seu relatório diário ao alto comando apontou pontos de inquietude: a Divisão Trento perdera grande parte da infantaria e metade dos seus canhões; a 164ª Div Ligeira tivera dois batalhões destroçados e parte de sua artilharia se achava destruída. A situação de combustível era má; demais, a superioridade relativa dos ingleses em artilharia e carros aumentava a cada hora. Mais grave do que tudo, 77 dos preciosos Mark III e Mark IV do DAK se achavam queimados ou tão avariados que sua reparação exigiria muitos dias. “A 15ª D Pz” disse êle “contra-atacou várias vezes nas jornadas de 24 e 25, sofrendo terrível bombardeio da artilharia britânica e da RAF. Ao anoitecer de 25 somente 31 dos seus 119 carros se achavam plenamente operacionais”. Suas perdas em pessoal não eram tão sensíveis: 3.700, dos quais 2.100 pressumivelmente prisioneiros.

Sua principal queixa era do reduzido apoio prestado pela Luftwaffe: “Nossa força aérea continua incapaz de impedir o bombardeio das tropas pelos ingleses, ou pelo menos de derrubar um número significativo de aeronaves inimigas.”

Contudo, êle não se deixar abater e finaliza seu relatório com as seguintes palavras: “Nosso objetivo nos próximos dias será repelir o inimigo a qualquer custo, e restabelecer integralmente a posição defensiva.”

10. D+3 E D+4 (26 E 27 DE OUTUBRO)

O sucesso do ataque australiano, ainda que de pequena extensão, porém executado na noite do seu regresso, irritou Rommel ao extremo.

Percebendo a intenção de Montgomery de isolar parte das forças do Eixo contra o mar e cortar a vital rodovia, Rommel decidiu recuperar imediatamente a cota 10. Montou para tanto um contra-ataque de vulto, com o 20º CEx Italiano, a 164ª Divisão Ligeira e o que restava da 15ª D Pz, apoiado por Stukas e caças-bombardeiros.

Entretanto a reunião dos meios para o contra-ataque foi percebido e ao se aproximarem sua vanguardas receberam tremendo bombardeio de todo tipo de armas. Assim, a primeira reação séria de

Rommel falhou desde o início resultou apenas em maior desgaste da sacrificada 15ª D Pz.

Ao concluir-se a jornada o balanço das perdas — muito mais importante do que o terreno conquistado ou perdido era: aliados — 300 carros perdidos ou danificados; porém, muitos poderiam ser recuperados. Em pessoal 6.140 baixas, das quais 1/3 na 51ª DI (Escocesa). Italo-alemães — 150 carros perdidos ou danificados, de reparação problemática; 4.500 baixas, sendo a metade prisioneiros.

Contudo, aparentemente o avanço do 8º Ex chegara a um ponto final. Efetivamente, os carros se mostravam incapazes de perfurar a barreira de canhões anticarro do inimigo que, invisíveis, destruíam sistematicamente qualquer tanque que se aproximasse de suas casamatas. A infantaria parecia exausta, depois de 4 dias de luta ininterrupta.

Fôra obtido um sucesso local, mas a posição inimiga não estava perfurada e as perspectivas não eram favoráveis aos aliados, que não podiam se permitir a ficar imobilizados em trincheiras improvisadas ao alcance de um inimigo agressivo.

Oliver Leese (Comandante do 30º CEx) anos depois admitiu que o fim da jornada de 26 representou um momento de série crise e que “estivemos a pique de perder a iniciativa das operações.”

Nesta noite, afinal, a 21ª D Pz reforçada por unidades de artilharia de Corpo deslocou-se do sul para o norte, sofrendo a caminho, contínuos bombardeios da RAF.

Na 2ª parte da noite um destacamento da 1ª DB britânica obteve um pequeno êxito ao sul de Kidney Ridge e apesar de enérgicos contra-ataques do adversário, conservou durante o dia seguinte, o terreno conquistado, que figurava nas cartas como “Cota Snipe.” A defesa deste ponto pelos britânicos, apesar de isolados de suas linhas no decorrer de combate, ganhou tamanho renome que um mês mais tarde foi designada uma “Comissão de Investigação” para examinar o terreno, contar os tanques inimigos destruídos e, em resumo, averiguar o que havia de verdadeiro nas narrativas do evento. Concluiu-se que seguramente 32 carros e 5 canhões autopropulsados haviam sido destruídos — cujas carcaças queimadas cercavam a posição dos defensores, algumas a menos de 100 jardas de distância — e que provavelmente mais 15 haviam sido danificadas e mais tarde recuperados pelos italo-alemães.

Por volta de 23 horas do dia 26 o destacamento retirou-se. Em um efetivo de cerca de 300 homens, sofrera 72 baixas.

Na noite de 26/27 de outubro a 1ª DB britânica, já muito desgastada, foi substituída pela 10ª DB.

11. D+5 A D+8 (28 A 31 DE OUTUBRO)

A Divisão australiana, após o ataque limitado do dia 25, ocupava duas frentes — uma orientada para o norte, a outra para noroeste. Próximo ao ângulo destas duas linhas existia um forte reduto inimigo, denominado pelos britânicos como Thompson's Post. Ocupava êle uma pequena elevação rochosa, com uma superfície de meia milha quadrada, e dominava a região adjacente em tôdas as direções.

Em tôrno dêste ponto, se achavam a 164ª Divisão de Infantaria (Pz Gr) e a Divisão Bersaglieri. Estas tropas, ambas de primeira qualidade, haviam sido reforçadas durante os combates de 25 e 27 pela 90ª Divisão Ligeira.

Decidiu Montgomery insistir na atuação ofensiva em direção ao mar, com duplo propósito: manter a atitude agressiva, ainda que numa frente limitada, e tentar atingir a rodovia costeira, isolando assim uma fração substancial da força inimiga.

Para cumprir tal missão, o Cmt da Div Australiana montou um ataque em duas fases: inicialmente conquistar duas posições a cerca de uma milha da linha de contato, com dois batalhões de infantaria; em seguida, lançar duas Brigadas (uma Blindada) entre os dois batalhões, que deveria atingir rapidamente a rodo-ferrovia da costa. A 1ª fase seria cumprida pela 20ª Bda Inf; a 2ª pelas 26ª Bda Inf e pela 23ª Bda Bld.

As 22 horas a 20ª Bda ultrapassou a linha de contato e depois de difíceis combates conseguir dominar os dois objetivos que lhe haviam sido atribuídos.

Entretanto a fase seguinte não se cumpriu como se esperava: a linha de ultrapassagem não fôra bem reconhecida e a tentativa de transportar a infantaria de apoio sobre os tanques resultou em fracasso, pois as barragens de artilharia italo-alemãs dizimaram a 26ª Bda a tal ponto que a operação foi, momentaneamente, suspensa.

Contudo, o ataque obtivera êxito parcial e servira para atrair para o extremo norte da frente as derradeiras reservas blindadas de Rommel.

Efetivamente, agora a única tropa germânica na frente sul era a Bda Rancke. A 21ª D Pz saíra da linha, na região de Kidney Ridge (em seu lugar fôra identificada a Div Trieste) e se reunira ao norte de Tel-El-Aqqaqir. Na mesma área se achavam o GT/55 (da 90ª Div Ligeira) e remanescentes de outras unidades.

Com êste dispositivo, Rommel pretendia manter as atuais posições ou, eventualmente, retirar-se para Fuka.

Durante a jornada de 29, o Cmt do 8º Ex decidiu mudar mais uma vez a direção do esforço: o golpe final seria desferido em direção ao oeste, entre o pôsto Woodcock e o canto norte do saliente, 10 km

ao sul da estrada. Esta frente fôra ocupada pelos australianos no início da batalha, mas agora se achava guarnecida pela 51ª DI (Escocesa). O objetivo do ataque seria a ruptura final da posição do Eixo, ao sul e ao norte de Tel-El-Aqqaqir. Entrementes, a Div Australiana continuaria a pressionar o inimigo na direção norte, a fim de distrair sua atenção.

12. D+9 E D+10 (1 E 2 DE NOVEMBRO)

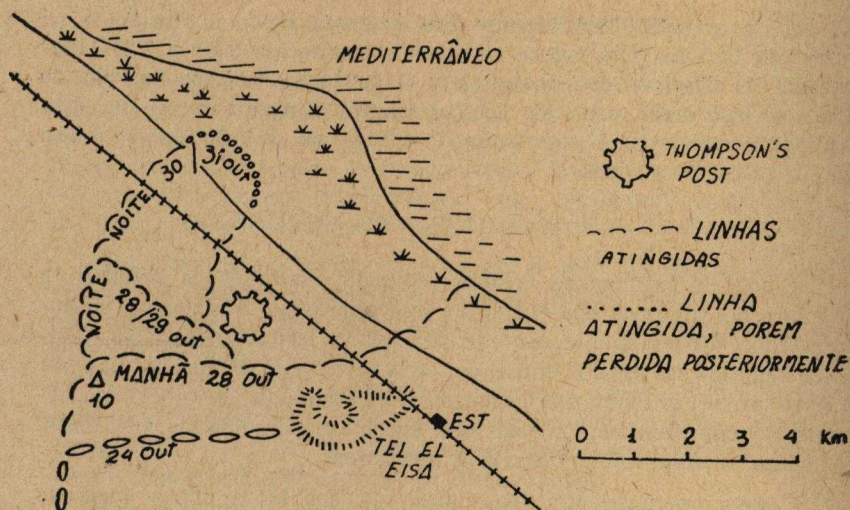
O poderio inimigo se achava reduzido em todos os setores. Já perdera 289 tanques, dos quais 222 irrecuperáveis. A situação de suprimentos, especialmente combustível, estava bastante precária. Contudo, segundo informa Rommel em suas memórias (Rommel's papers) a mais séria limitação que enfrentava era a queda de moral, decorrente do contínuo bombardeio que recebiam os soldados em linha, tanto do ar como da artilharia e morteiros.

A nova operação ofensiva imaginada por Montgomery teria as mesmas características do ataque inicial: a infantaria de 30º CEX (51ª Divisão de Infantaria reforçada pela 9ª Brigada Blindada) executaria o assalto com forte apoio de artilharia e após a conclusão da ruptura pela 9ª Bda Bld os carros do 10º CEX seriam lançados através das passagens nos campos de minas. A frente do ataque, porém, seria de apenas seis km, com as duas Brigadas de Infantaria em primeiro escalão, a hora escolhida foi 01,00 do dia 1 de novembro.

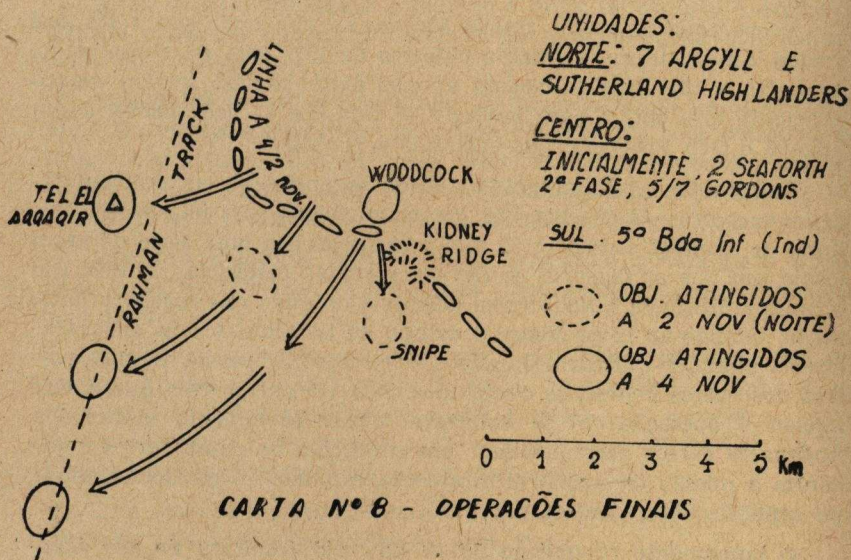
A operação montada obteve sucesso ao sul, onde por volta das quatro e meia da madrugada o objetivo da 152ª Bda foi consolidado. Ao norte a 151ª Bda conseguiu apenas êxito parcial, porém espaço suficiente fôra obtido para lançar a 9ª Bda Bld — pelo menos, assim julgava o Gen Freyberg, que comandava o ataque.

Entretanto, o inimigo possuía ainda organizações em profundidades e os carros da 9ª Bda Bld foram recebidos por uma verdadeira linha de canhões anticarro 88 mm e 76.2 mm. Em uma série de ações locais, em que os disparos se davam a curtas distâncias, a Bda Bld terminou dizimada e não logrou atingir o objetivo que recebera. Mais tarde, quando se inspecionou o campo de batalha, foram encontrados 35 canhões anticarro inimigos destruídos, a menos de 100 metros dos carros britânicos queimados. Dos 119 carros com que a Bda iniciou a operação, 75 se achavam irremediavelmente destruídos. Apenas 19 carros permaneciam “em condições de combater” e receberam a missão de apoiar a infantaria escocesa — particularmente, no papel de defesa anticarro.

O lançamento prematuro da 9ª Bda Bld resultara no seu desaparecimento como unidade operacional, porém produzira-se um sério enfraquecimento nas defesas inimigas. Por outro lado, o erro cometido pelos britânicos — tal como uma carga à luz do dia de carros



CARTA nº 7 - OPERAÇÕES DA 9ª DI (AUS)
ENTRE 24 e 31 out



de combate contra canhões anticarro perfeitamente organizados em profundidade — será mais tarde praticado também pelos alemães.

Aliás, na véspera do ataque o Gen Freyberg dissera: “entendemos perfeitamente que assaltar esta muralha de canhões com os carros nos lembra a carga de Balaclava; na verdade, esta é uma missão de infantaria. Mas não temos mais infantaria, portanto os blindados terão que atuar como infantaria.”

Em consequência do severo desgaste sofrido pela 9ª Bda Bld, foi decidido cerrar à frente a 2ª Bda Bld (parte da 1ª DB, de 10º CEx). Como vimos a missão do 10º CEx era “encontrar e destruir o elemento blindado inimigo, em terreno que lhe fôsse favorável.”

O Cmt da 2ª Bda Bld, sentindo a impossibilidade de prosseguir, ocupou uma posição em condições de resistir a contra-ataques, partidos do oeste e do norte.

Efetivamente todos os indícios mostravam que as forças do Eixo tentariam reduzir o bolsão que ameaçava a região de Tel-El-Aqqaqir.

Pouco antes de 11 horas do dia 2 começou o contra-ataque, orientado em direções convergentes do noroeste, oeste e (com menor impulso) do sudoeste. Cêrca de 120 carros inimigos tomaram parte na ação.

O combate de carros e canhões anticarro desenrolou-se durante todo o dia — constituindo a mais prolongada ação desde o início da batalha. O processo de combate empregado pelos carros italo-alemães consistia em sucessivos “ataques de prova” em diferentes setores, em busca de um trecho menos defendido. Nestes ataques, tão logo os carros da ponta eram alvejados e destruídos ou imobilizados, os demais cessavam de progredir e procuravam posições de onde mantinham o contacto pelo fogo.

No fim da jornada cêrca de 70 carros inimigos se achavam fora de combate.

A 1ª DB realmente não fizera qualquer progresso em termos de terreno, mas cumprira uma parte substancial da missão de “encontrar e destruir o elemento blindado inimigo.” Suas perdas neste dia foram 14 carros destruídos, e 40 danificados em maior ou menor grau.

13. D+11 E D+12 (3 E 4 DE NOVEMBRO)

Ao anoitecer de 2 a 1ª DB ainda não atingira a “Rahman Track”. Os canhões anticarro inimigos teriam que ser reduzidos pela infantaria, como de hábito, e coube à 7ª Bda Motorizada a execução de um ataque noturno, numa frente de 3 km, ao norte de Tel-El-Aqqaqir.

Contudo a decisão foi tomada muito tarde, e os reconhecimentos não se completaram. A coordenação com a artilharia também foi

muito deficiente e a ação não obteve êxito. Um dos batalhões perdeu o rumo e somente na manhã seguinte conseguiu retornar. Os dois outros, embora lograssem de início ganhar algum terreno, viram-se obrigados a retroceder. Claramente, não havia suficiente "massa" para o cumprimento da missão.

Na noite de 2/3 de novembro, Rommel decidiu afinal retirar-se para Fuka. Às 3 horas começou o movimento.

Entretanto, meia hora depois recebeu de um telegrama pessoal do Hitler, ordenando que "não cedesse um passo."

Rommel sentiu-se totalmente desanimado, pois sabia que o cumprimento de tal ordem representaria o fim do poderio do Eixo na África. Von Thoma, consultado pelo telefone, manifestou a mesma opinião.

Rommel optou por uma solução de compromisso, realizando apenas um reajustamento de dispositivo, com o propósito de salvar pelo menos o Deutsche África Korps — ou melhor, o que restava dele — bem como a Divisão Ariete e o 20º CEx Bld italiano.

Percebendo que as forças do Eixo se achavam no limite de resistência e se preparavam para uma retirada geral, Montgomery ordenou que na noite de 3 de novembro seria retomada a ofensiva, em direção ao sudoeste. Para esta operação, a 5ª Bda Inf Indiana foi retirada da frente sul, com o propósito de reforçar a 51ª DI, encarregada do ataque.

Apesar da resistência inimiga, em particular na frente dos Gordon's Highlanders, a operação obteve desta vez inteiro êxito. Na verdade, o inimigo estava esgotado. Próximo a Tel-El-Aqqaqir foi capturando um Posto de Comando da Divisão completo, com todo seu equipamento de rádio, documentos e até mesmo um volumoso suprimento de champagne e vinho chianti.

A batalha de El-Alamein estava praticamente terminada. Na manhã de 3 cinco divisões aliadas, (das quais 3 blindadas) começaram a concluir o movimento de cerco das tropas do Eixo.

O 20º CEx italiano auxiliado por um Regimento de Reconhecimento alemão tentou ainda uma resistência ao norte de Tel-El-Aqqaqir, porém sem êxito.

O General Ritter von Thoma, comandante do DAK, dirigiu-se para o sul com o propósito de verificar a situação naquele flanco, em um reconhecimento pessoal. O Coronel Bayerlein, seu Chefe de Estado-Maior menciona que "von Thoma não queria sobreviver ao seu Corpo Blindado."

Realmente von Thoma rumou com seu carro Mark III para as linhas inimigas. A descrição da rendição do general alemão marca

o fim de El-Alamein: "Inesperadamente um tanque Mark III surgiu na crista de uma duna. Imediatamente foi alvejado e incendiou-se. Seu comandante e tripulação o abandonaram, debaixo de intenso fogo de armas automáticas. Um homem alto destacou-se do grupo e caminhou lentamente em nossa direção, indiferente aos nossos tiros. Pelo brilho de suas insígnias, bem como pelo grande binóculo que trazia ao pescoço, pareceu-nos um chefe importante. Cessou então o tiroteio. Um carro leve dirigiu-se ao tanque alemão em chamas. O general alemão, com seu capote no braço esquerdo, saudou o oficial britânico no carro e identificou-se."

Este simbólico episódio marcou o fim da batalha de El-Alamein.

A derrota das tropas do Eixo fôrá esmagadora, tanto sob o ponto de vista tático como de material.

As divisões blindadas alemãs e italianas estavam destroçadas. As suas baixas totalizavam 55.000 homens — metade dos efetivos a 23 de outubro. Destes, 25.000 haviam sido mortos, 30.000 prisioneiros e os restantes feridos. 320 tanques se achavam inteiramente perdidos, 1.000 canhões foram destruídos ou capturados.

Os britânicos perderam 13.560 mortos ou feridos. 500 tanques haviam sido atingidos porém apenas 150 eram irreparáveis. Quanto a canhões, apenas 110 se perderam, a grande maioria peças anticarro.

Observação:

As notas acima constituem um resumo do livro "ALAMEIN" da autoria do C.E. Lucas Phillips, da biblioteca de Ajd Ordens de Cmt da UNEF.

A Guerra Revolucionária leva o perigo comunista ao umbral de cada casa e a última frente se situa no espírito de cada cidadão!

PLANO DIRETOR DA COLÔNIA MILITAR DE TABATINGA

A Colônia Militar de Tabatinga foi criada pelo Decreto n. 60.596-A de 15 de abril de 1967.

Foi deferido à Diretoria de Obras e Fortificações o encargo de verificar as instalações existentes e, no caso de sua insuficiência, indicar e planejar a adequação da área para a instalação da Colônia.

O Plano consiste no estabelecimento de uma Colônia Militar em Tabatinga (AM), dentro da intenção de disseminar organizações dessa natureza ao longo dos postos de guarnição de fronteiras, tudo em consonância com a determinação do Governo Federal de promover a mais rápida ocupação e vitalização da área amazônica.

Procurou-se, no planejamento, enfatizar a necessidade de serem tomadas medidas imediatas visando a :

- construção de cais de proteção das margens contra a erosão, junto ao local do pôrto, e construção concomitantemente de ancoradouro flutuante;

- estabelecimento de linha regular de navegação entre Tabatinga e Manaus;

- levantamento físico-econômico, não só da área de Tabatinga, como das áreas relativas às demais Colônias Militares;

- estabelecimento de íntimo entrosamento com a SUDAM, procurando integrar a instalação das Colônias Militares no conjunto das medidas daquele órgão visando à colonização da área amazônica.

Convém assinalar que o Plano está de acôrdo com as condições preconizadas no Regulamento das Colônias Militares na Amazônia, aprovado pelo Decreto n. 45.479, de 26 Fev 59.

Tudo foi planejado para permitir o desenvolvimento complementar para a implantação de uma futura cidade, tendo havido, nos Planos parciais, a preocupação de assegurar-se a abertura para quaisquer aplicações de novos recursos que se venha a desejar.

Esta é mais uma iniciativa pioneira, marcada por um profundo sentimento de brasilidade, com o objetivo de integrar a Amazônia à comunidade nacional.